

1º SEMINÁRIO PESQUISA GTRANS

Mesa: Arte e sustentabilidade, com Zandra e Adilson

Comunicação Prof. Dr. Adilson Siqueira

Quando nos propuseram fazer uma mesa redonda sobre arte e sustentabilidade, eu e a Zandra pensamos em fazer algo juntos, algo que falasse sobre o humano e a interação com a natureza.

Em especial, falamos sobre as ideias de Stefano Mancuso, cientista e especialista em neurobiologia vegetal, que nos ensina (em seu livro "Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro") que desde tempos imemoriais, as plantas encontraram melhores soluções para a maioria dos problemas que afligem a humanidade. Falamos também das reflexões do filósofo Byung-Schul Han, estudioso das sociedades do século XXI, em especial sobre o que ele fala a respeito de sua experiência em cultivar o seu jardim (no livro "Louvor da Terra: uma viagem ao jardim").

Surgiu até uma ideia de fazermos uma espécie de **webinar performativo** a partir da experiência do Glauco na poda de uns galhos lá no meu Ylê, em meados de janeiro, quando estávamos cuidando do roçado de feijão, milho, abóbora etc e ele foi atacado por uma certa "Lagarta que solta ferpa no ar!!!" kkkk

Aí, o tempo passou, o Coleta CAPES apertou, a correria também e, pra completar, eu estava de férias... e, objetivamente, não conseguimos sentar e concretizar uma fala comum.

Prometi a mim mesmo que ainda vou fazer um espetáculo sobre isso!

Pois bem, fiz esse pequeno preâmbulo porque, de qualquer maneira, vou juntar um pouco das ideias presentes nos dois autores e no Glauco trabalhando no Ylê. Espero que faça sentido, rsrsrs,

Vou juntar três coisas:

1. as sociedades urbanas do século XXI, pensada pelo Han, em especial nossos usos da cidade, da terra e da natureza;
2. o sonho de uma "terra vindoura" que, como o próprio Han constata, a partir da lida com o seu "Jardim dos Sonhos", é um ser vivo, eloquente, que nos ensina a lutar contra as novas técnicas de poder e, aqui, peço lhes que tenham em mente o episódio-metáfora da "Lagarta que solta ferpa no ar" que atacou o Glauco, a quem a desde já convido para falar sobre o ocorrido, quando nossa querida mediadora abrir para as colocações dos participantes; e
3. vou juntar isso tudo com o conceito de marcação bioquímica das plantas, que de acordo com o Mancuso, é o que lhes permite cooperar de forma descentralizada, adaptativa e, sobretudo, democrática, onde a "organização não hierárquica" e a tomada de decisões compartilhadas é, para elas, a melhor garantia para resolver corretamente problemas complexos, em especial, e com isso Mancuso realiza a demolição do clichê de que "a lei do mais forte se aplica à natureza" (p.110), uma vez que através dessa marcação, as plantas realizam, na prática, o que ele chama de "democracia verde"!

Pra mim, essas ideias são pura ecopoética e, neste sentido, quero trazer uma dimensão que me é muito cara e ao mesmo tempo determinante e norteadora em minha pesquisa: o ativismo.

Para isso trago o conceito de "sustentabilidade cultural" que, segundo meu amigo Sacha Kagan (2011), parte da ideia de que ela é promotora de percepções que extrapolam a racionalidade cartesiana, valorizando a diversidade e a multiplicidade de concepções e pontos de vista. E, que ao fazer isso, ele nos convida a pensar a sociedade de maneira transdisciplinar, transversal e complexa.

Exatamente o que espero estar fazendo aqui, com esta minha fala.

2

Desde o meu ponto de vista, este modo de observar as sociedades se aproxima da cultura dos povos autóctones de Abya Yala (PORTO-GONÇALVES, 2009) - que na língua do povo originário Colombiano, os Kuna, significa "Terra madura", "Terra Viva" ou "Terra em florescimento"; é sinônimo de América e vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente para construir um sentimento de unidade e pertencimento às ecologias de sabedorias e tecnologias ancestrais dos povos do continente.

De acordo com o Kagan, a sustentabilidade cultural cria pontes para que o pensamento ocidental institucionalizado faça conexão com o pensamento e as culturas dos povos originários e, ao dizer isso, trago pra esta conversa o conceito de resistência, que pra mim pode ser encontrado na expressão "Sumak Kawsay", que na língua Quíchua significa 'viver em plenitude', e refere-se a um conjunto organizado, sustentável e dinâmico que junta os sistemas econômicos, políticos, sócio-culturais e ambientais para garantir a todos o "Bem-Viver", que é, portanto um conceito originário da resistência cultural e da sabedoria dos povos da região do Andes e que vem sendo cada vez mais utilizado como outro modo possível de existir.

Leonardo Boff (2014) por sua vez, nos informa que essa sabedoria tradicional, é agregadora e também holística ao conectar os seres humanos ao ciclo natural do planeta, de modo a respeitar todos os seres que o habitam.

A sustentabilidade cultural está, portanto, intrinsecamente conectada à sustentabilidade ecológica e às "Tres ecologias" postuladas por Félix Guattari, sem a qual nada seria poder existir.

Neste ponto, quero trazer pra nossa conversa a ideia da **Arte Como Processo Para A Reflexão** sobre a sustentabilidade e de transformação social.

Ainda conforme o Sasha Kagan (2008), no que se refere às artes, a sustentabilidade "está relacionada aos processos: processos de pesquisa, processos de aprendizado, processos de trabalho" (p.18) e, num sentido amplo, refletem em nossas rotinas individuais, nas instituições sociais e criam redes de energia. Que transformam o real!

Vejam que neste caso, o que importa é o caminho percorrido, ou seja, é preciso fazer com que o caminho proporcione uma reflexão sobre a ação realizada. O que quer dizer que numa pesquisa ou numa obra artística que tenha a sustentabilidade como um dos fios condutores, o processo, o caminho percorrido pelo artista-ativista-pesquisador, bem

como as ferramentas que ele utiliza, é parte da pesquisa e requer formas diferentes de ver, pensar e questionar a realidade como um todo.

Neste ponto cito a mim mesmo (Siqueira, 2010) quando destaco que “sustentabilidade” expressa a conexão intrínseca entre justiça social, paz, democracia, autodeterminação e qualidade de vida e, para poder atingir estes objetivos, é necessário uma estratégia cultural baseada no pressuposto de que os media, artes, educação, comunicação, organização e também as emoções desempenham papel decisivo nesse processo de mudança (p. 98).

Isso quer dizer que a sustentabilidade pressupõe a conexão de vários campos de produção de conhecimento para que a humanidade possa viver de forma plena e igualitária, propiciando que as próximas gerações possam também satisfazer suas necessidades (cf. BOFF, 2015).

Outro autor que contribui para essa discussão é o cientista social e designer de processos de transformação, o italiano Davide Brocchi (2008) que nos apresenta a ideia de "Estratégias culturais de sustentabilidade" (p. 26-27) e explica que “a construção social da realidade é, a princípio, cultural, baseada na cultura dominante, numa subcultura ou numa cultura alternativa.” (id. tradução nossa). De forma que, para haver uma mudança de paradigma de uma sociedade não sustentável para uma sustentável, faz-se necessário transformar a cultura globalizada dominante em diversas culturas de sustentabilidade, de característica local, uma cultura "alternativa de alternativas" (MENESES, 2014).

E isso nos leva de volta à ideia da democracia verde, do Mancuso, que mencionei acima: quando pensamos a sustentabilidade enquanto princípio centrado no povo, conforme sustenta o *People Centered Development Forum* - PCDF [1] quando concebe a sustentabilidade e, acrescento eu, as artes, como “um novo princípio organizador de um desenvolvimento centrado no povo” (ASCELARD, 1999, p.1)

Princípio este que é capaz de tornar-se ao mesmo tempo, visão mobilizadora da sociedade civil e o princípio guia da transformação das instituições da sociedade dominante.

Então o que estou defendendo aqui é que arte e sustentabilidade atuam como mobilizadores da população de uma dada localidade rumo à transformação.

Acrescentei as artes com base em O’Kelly (2007, p. 114) que defende o “papel” da arte enquanto estratégia de “negociação urbana”. Para ele, e aqui eu cito:

“O espaço público é o lugar da legitimidade, um espaço de confronto onde se decide o que constitui a legitimidade. Neste sentido, é um espaço temporal que passa por diferentes usos e apropriações. Em seus momentos mais criativos ou produtivos, não se fundamenta na coerência ou na unidade, mas, pelo contrário, caracteriza-se como um lugar onde ocorrem processos, negociados discursivamente e materialmente. Enquanto que a coerência auxilia a estrutura e a eficiência, o espaço temporal está aberto às 'linhas de fuga'. Discursivamente, o espaço público é um espaço social e uma pré-condição para o urbano” e, acrescento, para sua mudança.

É pensando nisso que trago a experiência do Ron Finley [2], este “**Jardineiro Gangster (gansta gardner) ecolucionário**” que pratica há muitos anos, na região de South

Central, em Los Angeles, EUA, uma guerra prolongada - no sentido, creio eu, da conhecida Chijuzhan, como diria o camarada Mao (SILVA et alli, 2011).

SLIDES: https://docs.google.com/presentation/d/1PXafCGq4BDKw7Y3dsCRR_i4B-3iWU8uabuTVI_tAdU4/edit?usp=sharing

Finley pratica uma guerrilha urbana prolongada, de respeito à terra, às plantas e às pessoas, de forma não hierárquica e defende que: **"Plantar sua comida é como imprimir seu próprio dinheiro!"** o que, no meu modo de ver, com base em tudo que expus até aqui, configura uma revolução com cara de jardinagem urbana cuja estratégia cultural de sustentabilidade é de um ativismo inspirador para pensarmos em espalhar plantas, hortas e jardins pelas cidades.

Com artes.

E pra terminar, fica aqui a questão: como podemos fazer uma arte ativista que promova tudo isso? Como podemos ser Artistas Gângsteres (Gangsta Artists)?

Grato pelo seu tempo e atenção.

NOTAS

[1] PCDF – People Centered Development Forum. Para mais informações:

<https://davidkorten.org/about-the-forum/>

[2] bem como Roger Doiron e seu projeto de Jardineiros de cozinha (kitchen gardeners)

REFERENCIAS:

ACSELARD, Henri. "Discursos da Sustentabilidade Urbana". Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. n. 01, p. 79-90, mai. 1999. disponível em <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/27>

BOFF, Leonardo. Sustentabilidade: o que é: o que não é. 4a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FINLEY, Ron. Um jardineiro guerrilheiro em South Cental, LA. TED, February 2013. disponível em https://www.ted.com/talks/ron_finley_a_guerrilla_gardener_in_south_central_la?language=pt

KAGAN, Sacha. Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity. Bielefeld, transcript, 2011

KAGAN; Sacha e KIRCHBERG; Volker. Sustainability as a new frontier for the arts and cultures. Frankfurt am Main: Verlag für Akademische Schriften, 2008

MENESES, Maria Paula. Diálogos de saberes, debates de poderes: possibilidades metodológicas para ampliar diálogos no Sul global. Brasília, INEP, 2014. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/43960>

O' KELLY, Mick. "Negociação urbana, arte e a produção do espaço público". Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), n. 5, p. 113-127, 2007

PCDF; People Centered Development Forum. "Sustainability as the Organization Principle of People-Centered Development". Nova York: s.n., 1992. (Mimeo.)

PORTO-GONÇALVES, Walter. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades in Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231>

_____ Abya Yala. Disponível em <https://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala>

SILVA, Athos M.M.M et alli. A guerra prolongada (chijiuzhan) na china e a construção de um modo asiático de fazer a guerra no século xx. 7º Encontro da ABRI. 2019. Disponível em: <https://www.encontro2019.abri.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjExODYiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiY2E0NTc1NTM3NTQyMWE5NTQ2NWQ0NTU4NWQ1OGY2OWQiO30%3D>

SUESS, Paulo. Elementos para a busca do bem viver (sumak kawsay) para todos e sempre. CIMI, 2010. Disponível em <https://cimi.org.br/2010/12/elementos-para-a-busca-do-bem-viver-sumak-kawsay-para-todos-e-sempre/>